

# De Brasília para o Brasil

*Mergulhado nas perplexidades do Brasil Central e Ocidental, mestre Cassiano Nunes propõe neste artigo uma revolução de novos bandeirantes culturais, frente aos caranguejos da intelectualidade que desde Frei Vicente do Salvador frequentam nossos litorais.*

**Cassiano Nunes**

Otto Lara Rezende, há pouco tempo, na "Folha de S. Paulo", Paulo", assinalava, com muita razão, a alta importância de artistas e intelectuais brasileiros, que realizaram obras extraordinárias, do princípio da década de trinta ao fim da década de cinquenta. Ele chega a falar numa "Renascença Brasileira". Antes desse escritor mineiro, salientando a qualidade desse conjunto de escritores e criadores de beleza, já eu denominara essa época a Golden Age da nossa história cultural. Os separatistas que me perdoem mas a maturidade do modernismo foi posta em relevo por elementos das mais diversas regiões e, parece-me, com um forte sentido da unidade do Brasil. Portanto, vejamos: Augusto Meyer impôs-se com a sua poesia e prosa dos pagos gaúchos; Dalton Trevisan — o clássico da minha geração — insere Curitiba na geografia literária do Brasil; Mário de Andrade, que começou com "Paulicéia Desvairada", termina com "Lira Paulistana"; a obra de Marques Rebelo constitui uma rapsódia, plena de carioquismos; Drummond evoca Itabira e outras cidades mineiras; Jorge Amado legitima e internacionaliza a cultura afro-baiana; Amando Fontes, comovido, nos mostra retirantes de Sergipe; Gilberto Freyre e José Lins do Rego falam-nos do esplendor e da decadência da aristocracia canavieira; Josué Montello inicia, na ocasião, o seu painel do passado maranhense com os seus sobrados nostálgicos; O.G. Rêgo Carvalho desvela a alma do Piauí desenhando velhas casas de Oeiras; Dalcídio Jurandir filma literariamente a região amazônica... A literatura brasileira é uma confederação em que se manifestam e dialogam várias regiões.

Esses brasileiros não se limitaram ao conhecimento de suas províncias. Atravessaram fronteiras regionais. O nordestino Limeira Tejo instalou-se em Porto Alegre. O gaúcho de no-

me teuto Raul Bopp nos transmite o mistério amazônico, os mitos das florestas imensas, dos rios caudalosos, justamente no "Cobra Norato". Martins Fontes, poeta santista, era filho de sergipano e poetou no grande porto paulista, habitado por muitas famílias sergipanas. Mário de Andrade percorreu Minas, o Nordeste e a Amazônia, e concentrou, num verso de "Noturno de Belo Horizonte", o sentimento global do nosso relacionamento afetivo: "Nós somos, na Terra, o grande milagre do Amor!"

Brasília, projetada desde os primórdios da Pátria pelos melhores filhos dela — os de espírito mais penetrante e que, por conseguinte, pareciam videntes e profetas — surgiu justamente para dar consistência a um país geograficamente frouxo, descosturado, incompleto, fragmentado, e também para vencer a alienação colonialista. Foi construída para impor a interiorização e a dinamização do interior. Brasília teve, por missão, dar, ao Brasil, o seu remate, as suas feições definitivas, em suma, o seu acabamento. Ainda hoje o Brasil é uma nação inacabada como a célebre sinfonia de Schubert. Deixamos de fazer o que os americanos fizeram com pleno sucesso: assumir a posse total do seu território. E mais que isto: ir do leste ao oeste — atingir o Pacífico. Ao contrário, o Brasil, passada a febre do bandeirismo, acorrou-se junto das costas, esperando as notícias influenciadoras que vinham da Europa, hoje substituída pelos Estados Unidos. A Marcha para o Oeste, realização criteriosa de Getúlio e João Alberto, foi logo dissolvida. O Projeto Rondon — cancelado. Nos Estados Unidos, foi importante o "American Dream", "O sonho americano". No Brasil, nunca houve o Sonho Brasileiro, uma ânsia de trabalho cons-

trutor, uma aspiração ampla, nacional. Limitamo-nos a sonhos individuais, medíocres, mesquinhos, alimentados pelo jogo do bicho e pelas raspadinhas... Nossas migrações mar-

cham na direção contrária do progresso. Em vez do nosso caboclo se arraigar na sua terra, ou arrotear terras novas vem para as metrópoles mendigar ou, o que é pior, engrossar as hostes do banditismo.

Muito poeta, no sentido nobre é etimológico da palavra (o que cria, o que faz), Kubitschek, a quem atribuem sangue cigano, deu o sinal da caminhada certa, racional, lógica. Contra a maledicência dos épicos do imobilismo, dos defensores da estagnação, o sonhador de Diamantina determinou a impetuosa arrancada e deixou evidente que as utopias deixam de ser utopias quando o homem decide criar, construir, dinamizar.

Realizada Brasília, de maneira majestosa e vitoriosa, desde os seus primórdios foi fácil notar que teve que enfrentar a frieza dos impotentes e a inveja dos paralíticos. A impressionante capital ainda não conquistou o assentimento da mentalidade costeira, transoceânica, alienada, que predomina no Brasil. Esses adversários do progresso não querem perceber que o Brasil é um país de costas voltadas para o seu interior. Aceitam — e defendem o subdesenvolvimento, ou antes o antidesenvolvimento.

Contudo, a Canaã bíblica, a "terra de leite e mel", existe, e espera pacientemente que os brasileiros, entusiastas do "rock", da Disneylândia e de tudo o que as multinacionais nos impingem, se apercebam dela. Ainda, há poucos dias, presenciei, maravilhado, o progresso, a riqueza e o desenvolvimento cultural, numa região do Brasil, que tem muito a nos oferecer! Refiro-me a Mato Grosso do Sul, e, de maneira mais geral, ao Centro-Oeste. Com estes olhos que a terra há de comer, vi Dourados, cidade vital, bela, limpa, farta! Senti que esse triunfo do Centro-Oeste — ainda muito no seu começo, pois suas possibilidades, sua potencialidade, são enormes — tem muito a ver com a construção de Brasília.

O sentido de Brasília, que é o do pioneirismo e o da afirmação da identidade do Brasil, precisa de ter uma divulgação no país inteiro, para o próprio bem do nosso povo. A salvação do Brasil está na colonização, na abertura de novas regiões para a produção, no aumento das lavouras e da criação das riquezas, e não nas lutas e cambalachos políticos, que não geram coisa nenhuma. A mesma esterilidade encontramos nos planos dos economistas, que terminam todos em fracasso, pois não resultam no aumento de bens para o povo. Que esperar de uma grande nação como a nossa que importa até arroz e o feijão? Dourados ri-se desses políticos e economistas e nos oferece fartamente gado, arroz, milho e soja. Lá fica a famosa fazenda Itamarati, a maior plantação de soja do mundo!

A epopéia de Brasília não foi feita das armas, foi criação dos candangos nordestinos ou mineiros que Vladimir Carvalho evocou nos seus filmes fabulosos "Brasília — a última utopia" e "Conterrâneos Velhos de Guerra". O que apresento aqui em termos de prosa, nessas fitas se encontra com imagens da vida e a magia do cinema. Vladimir e outros colegas valorosos da UnB representam uma escola de cinema ímpar e quem o proclama? A revista "VEJA" relacionou os defeitos da universidade pública no Brasil mas maliciosamente esqueceu as conquistas desse ensino devotado.

Às vezes noto má vontade contra Brasília na própria Brasília, o cultivo de autoflagelação

e pobreza de alma. Prefiro admirar os entusiastas e pessoas simples de coração que são Mário Garófalo, que, solitário, oferece cultura pelo rádio, a solista Odete Ernest Dias, valorosa musicista, o incrível Da Mata, a quem devemos o cinema de arte na cidade, Ivan da Silva, o divulgador dos nossos livros... E há outras pessoas, naturalmente, com a mesma boa vontade.

É visando a dissolução desses miasmas de pessimismo e desin-

tegração que proponho a criação de um programa denominado DE BRASÍLIA PARA O BRASIL que leve notícia, às outras regiões do Brasil, do caráter e da criatividade brasiliense. Esse plano, indiferente ao impacto do "rush" difundido maciçamente pelas multinacionais e resistente ao imperialismo cultural do eixo Rio-São Paulo, divulgaria nossos poetas, artistas plásticos, músicos, bailarinos, folcloristas... Por que não? Todas as regiões do Brasil têm bastante o que mostrar. Apenas não contam com a boa vontade daqueles que promovem a cultura no Brasil.

Lembro-me das noites inesquecíveis, no humilde teatro da Escola Parque, do Clube do Choro, na época dourada de Valdir Azevedo, Avena de Castro, Bide, e outros "chorões" de talento impressionante. Do mais jovem deles, talentosíssimo, fiquei fã para sempre: o Reco do Bandolim.

Em vez, portanto, de "complexo de inferioridade" e "arrogância", dê-se lugar ao entusiasmo. A própria etimologia da palavra constitui um convite para a ação criadora: Deus em nós. Com entusiasmo, pois, levemos o estandarte de Brasília a todas as partes do Brasil. Sobretudo, àquelas meio-abandonadas, que entendem, como nós, a linguagem do pioneirismo: Rondônia, Roraima, Amapá... Não se restringe Brasília apenas ao papel de capital, de centro político. Aspira a ser uma cidade-mensagem, uma cidade exemplo, uma cidade-licção. Lição do novo bandeirismo, do pioneirismo atual, moderno. Brasília, autêntica, repele a politicalha, o lobby, o marketing político, as futilidades e adulações de Corte. Diante das tentativas de caos e das exibições da futilidade, uma Brasília legítima, humana, verdadeira, deve insistir na sua determinação de criar a completude, a inteireza do Brasil. Um corpo completo, perfeito. E com alma, naturalmente.

\* Cassiano Nunes é escritor, poeta, crítico literário e ensaísta, professor da Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: HIGS 711, Bloco E, Casa 27 — 70.361050 Brasília-DF.

